

O bonde da História

Não teria parado, subitamente, sobre o relvado do Alvorada?

Jornais americanos e europeus comentam que no segundo turno das eleições o Brasil guinou para a esquerda. Exageram. O problema de americanos e europeus é pretender medir terras de outros continentes com o metro lá deles. De fato, parece difícil sustentar que Itamar ou Garotinho são de esquerda, ou que as andorinhas petistas eleitas para alguns governos estaduais fazem um verão esquerdista. Certo é concluir, porém, que a segunda rodada recoloca todo o conjunto do pleito em uma perspectiva diferente daquela descortinada pela primeira. Pergunto-me se Fernando Henrique ganharia a reeleição caso fôssemos às urnas hoje, neste domingo, primeiro de novembro. Até neste ponto cabem dúvidas.

A vida de Fernando Henrique se complicou bastante. Tome-se Mário Covas. A sombra do governador de São Paulo já alcança a praça dos Três Poderes e não haverá como decidir a sorte dos tucanos e da sucessão em 2002 sem passar por ele. Como liderança partidária, Covas agora pesa mais que o próprio presidente da República. E tome-se Itamar Franco. O articulador de sua campanha, deputado Aluisio Vasconcelos, entrevistado por Paulo Henrique Amorim do *Jornal da Band*, proclama que Itamar terá um papel transcendental — de verdade, tropeçou na palavra e disse transtendental, o que pareceu indicar transcendência ao quadrado. Mas Itamar vai meter o seu topete onde não foi chamado. Nem a bota de um pescador de salmões canadenses agüenta tantas pedras.

E há pedras de todos os tamanhos ao longo da estrada. Tem a pedra Olívio Dutra, tão sombrio e tão grave, e tem a pedra Antônio Carlos Magalhães, o açambarcador. Há também os caciques derrotados, naturalmente inconformados, ressentidos com Fernando Henrique e ainda habilitados a fazer marola. Há a prova provada de que o povo está insatisfeito e assustado. Há, até, o retornado ao poder do Distrito Federal, aquele desenfreado populista Roriz, tão menos conveniente que o cordato Cristovam Buarque, interlocutor amável. Etc. etc. E, enquanto isso, desaba o pacote.

Em uma entrevista de uns poucos meses atrás, Raymundo Faoro afirmava: Fernando Henrique está sentado em cima de uma bomba. Como o piloto texano de um filme dos anos 60, *Doctor Strangelove* de Stanley Kubrick. Com a vantagem para o texano de ter saltado alegremente sobre a bomba atômica atirada contra o Kremlin, para cavalgá-la como puro-sangue. O homem caiu do céu agitando o chapelão de caubói. Já o presidente FHC na noite de terça-feira, ao pronunciar sua fala no vídeo, não tinha cara de caubói.

Não deixei de apreciar o terno finalmente escuro, ao cabo de tantos de cores duvidosas, inclusive um temível bege-musgo. Talvez haja reparos a fazer quanto ao trabalho do alfaiate, sendo que a gola, atrás da nuca, mantém uma distância respeitosa, mas esteticamente discutível em relação ao colarinho da camisa crocante. Não sei, por outro lado, se o duque de Windsor aprovaria a gravata azul-marinho salpicada de quadrados brancos, talvez grandes demais. De todo modo, senti o presidente desanimado.

Não é que Fernando Henrique seja convincente quando assume os tons do palanque. É homem de cátedra e o didatismo o caracteriza. A fala é monocórdia, de uma simplicidade quase tosca, quem sabe na convicção do nível raso dos ouvintes. Jamais o faiscar de uma metáfora, de um adjetivo ousado e revelador. Pelo que sei, os alunos adoravam. Claro que não faltaram invejosos para defender a supremacia de FHC no confronto com o Dormonid. Mas importa sublinhar que também na presidência Fernando

Henrique vem nos tratando como discípulos incapacitados para altos vôos, solícito e persuasivo ao escolher construções elementares e palavras corriqueiras. Temos de lhe ser gratos. Agora, na noite de terça passada não captei nele o prazer de ministrar mais uma aula. A contida empolgação de quem sabe que está agradando.

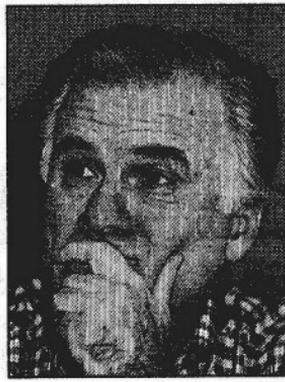
Há a expectativa de uma chuva preta e o presidente deve ter notado que a situação mudou. E então me ocorre o bonde da história, perdão, da História. O qual, às vezes, pára à porta de um eleito, perdão, Eleito. Aqui, ao usar letras maiúsculas, penso na transcendência, algo que possivelmente não se coaduna com o já citado topete de Itamar Franco, e muito menos com a volumosa presença de Newton Cardoso, vice em Minas com a pretensão de administrar enquanto o titular faz política no Planalto Central. Os Eleitos, com E grande, são poucos. E ainda mais, nem sempre se dão conta do privilégio.

Por exemplo. Em dia não muito distante, coisa de 13, 14 anos atrás, o bonde da História parou na porta de Ulysses Guimarães. Tancredo Neves morreu e o Senhor Diretas tinha os documentos em dia para melar o jogo. Não quis. Sarney foi para o trono com as conseqüências que conhecemos. O Destino foi, porém, condescendente. O bonde deu uma volta e parou de novo. Foi quando Sarney, protegido pelo vozeirão do general Leônidas Pires Gonçalves, ministro do Exército, exigiu cinco anos de mandato, um a mais do tempo previsto para Tancredo. O doutor Ulysses baixou a cabeça, aceitou a prepotência. Poderia ter dito não, com boas chances de fazer valer os interesses do país e de surgir, ele mesmo, como melhor candidato à Presidência, em 1988, nas primeiras diretas depois de 28 anos. Calou-se e a eleição ficou para 1989, ano do lançamento do Exocet Collor.

Há momentos em que falta audácia mesmo aos homens mais ambiciosos. Audácia como fruto de coragem, imaginação, rapidez de reflexos. Timing. E de repente tenho o vislumbre do bonde da História parado sobre o relvado do Alvorada, à porta de Fernando Henrique. Um bonde, se não me engano, estilo jardineira, que admite passageiros no estribo com as camisas cheias de vento. Resta ver se o presidente reeleito consegue enxergar a extraordinária oportunidade de virar estadista. Teria, para tanto, de avaliar corretamente o resultado do pleito que acaba de ser travado e de perceber a vontade da Nação.

Até hoje, o governo FHC foi a expressão da mais determinada e eficaz aliança de direita já selada no Brasil. O último é inextinguível herdeiro da ditadura militar e das mazelas de sempre. Mais neoliberal que o neoliberalismo, nos conduziu até o desastre atual. O estadista, me arrisco a dizer, mudaria o eixo da aliança, aproveitando tanto o exemplo dos países europeus, quanto aquele dado por São Paulo ao reeleger Covas contra Maluf, graças a uma súbita união que não pode deixar de ser definida como de centro-esquerda. Os eleitores estão apontando o caminho. Um estadista ouviria a voz do povo.

Receio, no entanto, que o bonde logo mais parta sem carregar Fernando Henrique. O bonde não costuma ficar parado por muito tempo. Não sei se o reeleito tem capacidade para saltar o estribo. O retrospecto não sugere disposição para grandes pulos. É pena, mas a previsão mais fácil é a seguinte: Fernando Henrique vai continuar refém de Antônio Carlos e cada vez menos representativo do PSDB, em meio à tempestade recessiva, tentando cumprir as injunções do pacote e padecendo os novos complicadores gerados pela eleição. De quebra, teremos de ouvir os seus discursos didáticos.



Resta ver se o presidente reeleito consegue enxergar a extraordinária oportunidade de virar estadista